

CEDI
1.519
114175

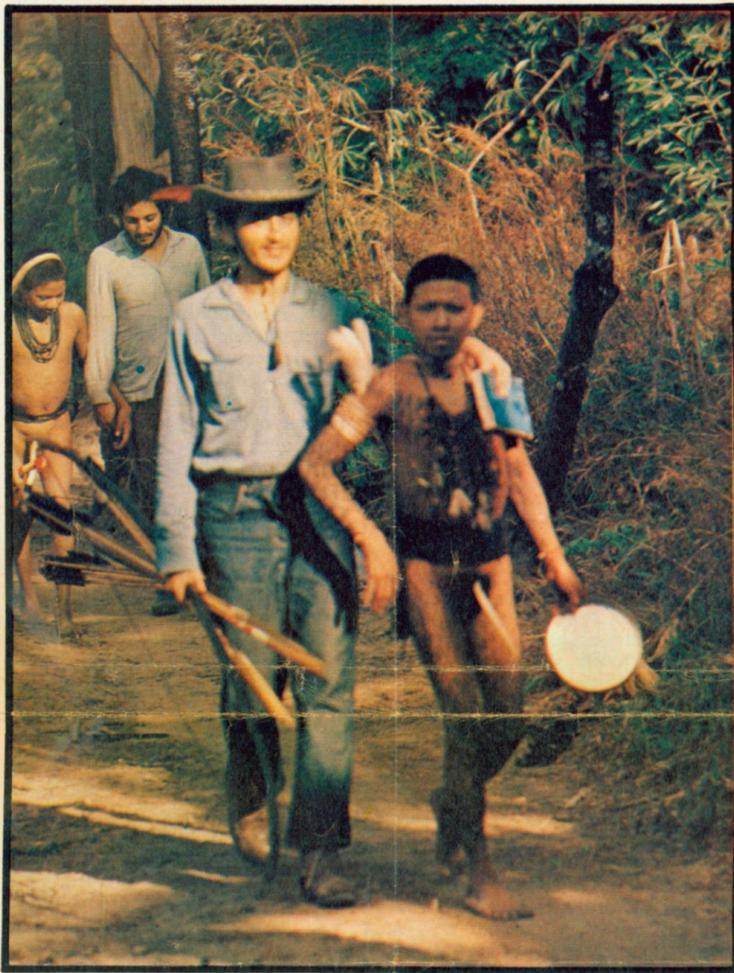
MAIS UMA CHACINA ACONTECEU NA SELVA. POSSIDÔNIO BASTOS É A MAIS RECENTE VÍTIMA DA ANIMOSIDADE ENTRE COLONOS E ÍNDIOS, UM VELHO PROBLEMA ATÉ HOJE SEM SOLUÇÃO.



As margens do rio Roosevelt, no subposto a ele confiado pela Funai, Possidônio sentia-se à vontade no seu novo trabalho. Em contato com a terra mais escondida do Brasil e com sua gente mais primitiva, ele fazia um novo tipo de jornalismo escrevendo a reportagem da sua vida e da sua morte.

CLR00005

LUTA PELOS ÍNDIOS TEM NOVO MÁRTIR



Jovem, destemido idealista, Possidônio Cavalcânti Bastos costumava dizer que queria participar da integração do Brasil desconhecido porque, até agora, apenas jornalistas estrangeiros tinham penetrado no mais denso da selva amazônica. A seus amigos ele confiava: sempre que ouvirem falar que os índios atacaram colonos, procurem saber o que os colonos fizeram com eles.



Viram apenas um branco diante de suas armas.

NO contato que teve com a equipe de Apoena de Meireles, em outubro, no subposto da Funai em Riozinho, esse jornalista e sertanista parecia temer por sua vida. — Essa invasão de colonos está aumentando o perigo na região. Cada dia que passa, sinto estar próximo um conflito muito sério. É o pior é que os índios vão se desforrar em nós que vivemos no meio da selva — desabafava o jovem, que acabou trucidado pelos cintas-largas. Para o General Bandeira de Melo, a reação dos índios se caracteriza por uma lentidão angustiante: — Eles são capazes de sofrer durante muito tempo. Quando menos se espera, desencadeiam uma operação de vingança que não resguarda nem aqueles que tinham como amigos. No caso de Possidônio, podemos admitir que, na guerra, os índios não se lembraram de seu amigo.

UM dos membros da equipe de Apoena de Meireles, o mesmo que conversou longamente com Possidônio, em Riozinho, contou que o grau de conflitos entre os cintas-largas e o colono varia de intensidade. E que o menino índio de nome Takanine, de apenas 12 anos, tem no joelho a marca de uma bala disparada por um colono. Chegado à região em maio deste ano, ocorreu com Possidônio Bastos um fenômeno curioso. O mesmo apelido que ele tinha entre os jornalistas foi adotado pelos índios. Era Possi. Nada mais. Quando ele recebeu a missão de chefiar o subposto

do rio Roosevelt já era conhecido dos índios como o irmão do Apoena. Seu local de trabalho fica a 125 quilômetros da sede do parque indígena de Aripuanã, num desmatamento onde se erguiam cinco choupanas. São quatro a cinco dias de caminhada, por uma picada, através de mais de vinte serras, do Posto Sete de Setembro até lá. Sua última missão foi a construção de um campo-de-pouso, que ficou inacabado. Suas comunicações eram feitas via rádio, diretamente para a delegacia da Funai em Porto Velho, território de Rondônia. O operador de rádio era seu companheiro Acrísio Lima, um rapaz de 21 anos, que pretendia passar o Natal com a família, mas continua desaparecido juntamente com a índia gavião, cozinheira do subposto.

TEM-SE como certo que a retirada de 10 trabalhadores do subposto do rio Roosevelt, insatisfeitos com o sacrifício que representava a sua permanência na selva, tenha contribuído para que os índios se animassem a decidir o ataque. Tanto assim que foram dois deles que, ao voltarem ao local, descobriram que os índios haviam destruído tudo. Segundo o General Bandeira de Melo, quando os trabalhadores resolveram deixar o emprego e voltar ao Posto Sete de Setembro, Possidônio reclamou de sua atitude, determinando-lhes uma última missão: apanhar mantimentos no Posto Sete de Setembro e levar para o Roosevelt. Os trabalhadores levaram cerca de quatro dias na caminhada até o posto. Depois de um dia de permanência ali, dois deles retornaram ao Roosevelt e encontraram o caos. Chegaram de volta ao Sete de Setembro, no dia 22 de novembro, e comunicaram tudo ao chefe do posto, que transmitia a informação à delegacia da Funai em Porto Velho. A delegacia de Porto Velho, por sua vez, entrou em contato com o General Bandeira de Melo, presidente da Funai, que se encontrava em Recife. Uma das recomendações que o sertanista Francisco Meireles faz normalmente aos chefes de postos e subpostos é a de que nunca devem ficar poucos brancos nesses locais. Mas a decisão dos trabalhadores do Roosevelt permitiu que o subposto ficasse desguarnecido, reduzido a apenas três pessoas: Possidônio, Acrísio e a índia gavião. Pelos cálculos dos funcionários

da Funai, o ataque dos cintas-largas ao Subposto Roosevelt deve ter ocorrido entre 9 e 18 de novembro. No dia 9, quando os trabalhadores abandonaram o local, Possidônio passou a enfrentar com outro jovem e uma índia os perigos que previa. Entre a falta de apoio dos brancos e a vingança dos índios, Possidônio foi sacrificado.

Enquanto sua morte é divulgada e comentada e se põe em dúvida se foram realmente os índios que massacraram o jornalista-sertanista, novas notícias vindas de Rondônia dão conta de que cães amestrados estão sendo empregados, por exploradores de minérios, para caçar índios. O deputado Brigadeiro Jerônimo Bastos, daquele território, fez sérias acusações aos mineradores e à própria FUNAI. Segundo ele, os caçadores de índios estão atuando nas reservas indígenas, em busca de cassiterita e outros minérios, com autorização da própria FUNAI. Falando sobre a morte de Possidônio, cujo massacre pelos índios ele põe em dúvida o militar e deputado afirmou que só um inquérito sob a responsabilidade direta da Presidência da República ou do Conselho de Segurança Nacional será capaz de esclarecer as irregularidades praticadas pelo órgão encarregado dos assuntos indígenas, sempre interessado em "dar um cunho econômico às terras ocupadas pelos silvícolas."

Reportagem de ANTÔNIO PRAXEDES